

# O POVO DE AVEIRO

(AVENÇADO)

Proprietario-Director e Editor — HOMEM CHRISTO

Anno LV

Assinaturas pagamento adiantado  
Portugal: anno 20\$00. Semestre, 10\$00. Colonias:  
anno 30\$00. Extrangeiro: anno 40\$00  
Numero avulso \$40

AVEIRO, 27 DE FEVEREIRO DE 1938

Publicações  
Na pagina de anuncios, e nas outras paginas linha 1\$25  
Comp. e Imp. IMPRENSA UNIVERSAL—AVEIRO  
Telefone n.º 125

N.º 524

— 4.ª série —

## Loucos e Maus

A Loucura fala-nos da guerra e diz-nos: «Pois ha maior loucura do que a guerra? Não é a maior das loucuras, por coisas, ás vezes, verdadeiramente insignificantes, empenham-se as nações em guerras de que nunca, na melhor hypothese, resultam, para a nação vencedora, benefícios que compensem os desastres e as desgraças de que é victima ella propria? E não é a guerra, todavia, a origem das acções que os homens mais admiram? Não é ella, que prepara os campos gloriosos onde os heroes vão ceifar louros?»

Isto dizia Erasme em 1509, data da primeira publicação do *Elogio da Loucura*. Ha 429 annos! Que diria elle, se conhecesse os horrores das guerras actuaes?

A Loucura passa, em seguida, a dar uma tarefa mestra nos melancolicos, nos misantropos, nos philosophos, em todos os que fogem ao convívio social, n'esses que, sem conhecer a vida e os homens, impõem de sabios dando leis aos homens.

Diz ella:

«Se quereis saber até que ponto esses pobres philosophos são inaptos para todos os negocios d'este mundo, vede Socrates, esse philosopho que o oraculo de Apollo tão tola mente chamou o mais ajuizado de todos os homens. Sendo um dia obrigado a tratar não sei que negocio em publico, de tal forma desempenhou o encargo que todo o mundo fez troça d'elle. E' preciso no emtanto confessar que elle tinha por vezes ideias que não eram loucas, como quando recusou o titulo de sabio, dizendo que esse titulo só pertencia á divindade, ou quando disse que o philosopho nunca se devia metter em coisas do governo.

«Ainda se, ao menos, esses philosophos servissem para qualquer coisa na vida privada!... Mas collocai um philosopho n'um festim: o seu silencio melancolico ou as suas observações deslocadas perturbarão a cada instante a alegria dos convivas; fazei-o dançar, e vereis as delicadezas e as graças d'um camello; emfim elle é inapto para todos os negocios correntes da vida, e anda tão afastado das opiniões e dos habitos communs e correntes que não pode ser de nenhuma utilidade nem para a patria, nem para os seus, nem para si proprio.»

Adeante, a Loucura continua, dirigindo-se aos philosophos: «Dir-me-hão os senhores: ha coisa mais extravagante que lisonjear covardemente o povo para obter os seus favores, que deixar-se embriagar pelas aclamações tumultuosas, que procurar com ardor os applausos de tantos loucos, que deixar-se levar em triumpho como as imagens dos deuses? Esses nomes, esses sobrenomes, todas essas honras divinas a pessoas que não merecem mesmo o nome de homens, todas essas apoteoses publicas em favor dos mais odiosos tyrannos, não são todas essas coisas outras tantas loucuras ridiculas de que, por mais que se escarneçam, nunca se escarnecem demais?»

Responde a Loucura: «E quem vos diz o contrario? Mas é, todavia, por amor d'essas loucuras que os maiores heroes tem feito todas essas acções brilhantes que os poetas e os oradores tem elevado até ás nuvens. E' essa loucura que ergue as cidades, é essa loucura que sustenta os imperios, as leis, a religião, os conselhos, os tribunaes, n'uma palavra é essa loucura que é a base e o fundamento da vida humana e que a seu bel prazer governa o universo.»

A Loucura tem razão. Quem governa o mundo, e hoje mais do que nunca, é ella.

HOMEM CHRISTO

Este numero foi visado

pela comissão de censura

## Muito Bem

Transcrevemos das *Varias Notas* de Paulo Freire, no *Jornal de Noticias* de 20 do corrente:

FEVEREIRO, 19

Os meus amigos lembram-se do que se escreveu em certos jornais portugueses, a respeito dum sr. Goga que tomou de assalto o governo da Roménia? E lembram-se tambem do que eu aqui escrevi a respeito da tal personagem de opera-bufa, tribulado por certos facciosismos tolos? Pois então oçam o que sobre o sr. Goga e o seu governo nos diz as «Novidades», jornal, na matéria, duplamente insuspeito:

«Se a queda do ministério Goga surpreendeu a opinião internacional, em virtude d'elle desaparecer abruptamente, como que aspirado por mágico alcapão, quando, nas vésperas, o seu chefe fazia formais declarações de solidez e de longa duração, ella não foi surpresa alguma para os romenos que durante quarenta e cinco dias tiveram de suportar os erros abracadabrantes da mais ridicula e incompetente equipa ministerial que a Roménia tem visto. Sem mais delongas, justifiquemos esta opinião com o irrecusavel testemunho dum respeitabilissimo romeno, o marechal Averesco, um dos ministros do novo ministério, o qual, nestas palavras, nos dá a explicação do que se considerou um golpe de teatro na politica romena: «A inabilidade do ultimo governo produziu tal perturbação no país e situação, tão desagradavel nas relações com o estrangeiro que o interesse do Estado exigia o seu desaparecimento.»

Para a população romena, não houve, pois, golpe algum de teatro. O ministério Goga era um ministério de fanáticos e inconscientes aventureiros que, pelos seus erros, em poucas semanas, levantaram a unanimidade da nação contra a sua incompetencia e conduziram o país á beira da catástrofe. Esta e só esta a causa da sua abrupta queda que a seita anti-semita atribui á influencia judaica e á pressão dos governos de Londres, de Paris e de Washington. Un nacionalismo fanático, de ligações ideológicas internacionaes, farta-se de nos proclamar em todos os tons, a realza mundial de Israel como chave explicativa da politica internacional. Longe de nós o pretendermos negar as influencias occultas, e por vezes decisivas, da potencia financeira judaica em determinados acontecimentos politicos. Mas daí a aceitarmos a funambulesca mistificação literaria dos Protocolos de Sião, que tantos ignorantes continuam a considerar autentico documento historico, como chave explicativa do fluxo da História, vai um abismo que a nossa honestidade intelectual não pode transpor. E, se repetimos—não desdenhamos o factor da influencia judaica em certos acontecimentos, tambem somos forçados a reconhecer que a peste do anti-semitismo, condenado pela Igreja, envenena os espiritos e falseia os comentários de politica internacional nos jornais nacionalistas. Viu-se isso bem durante os quarenta e cinco dias da existencia de funambulesco ministério Goga. Com que frenesi todos os anti-semitas da Europa, obediencia á corrente anti-semita partida de Berlim, de Roma, da *Action Française* e da sua sucursal hebdomadaria de *Je suis partout*, se esforçaram com completo desprezo pelas tristes realidades, confessadas pelo marechal Averesco, por criar em torno do ministério Goga uma atmosfera internacional de simpatia e de aprovação só porque elle perseguia os judeus.»

Bravo! Bravissimo! Apoiadissimo! A transcrição foi um bocadinho longa, mas nem todos os meus leitores lêem as «Novidades», e esta é das tais opiniões que não devia passar em julgado, sem o competente registo e saliência.

Assim é que é falar.

## Falta de espaço

Por abundancia de original tivemos de retirar varios artigos entre eles a secção «Vademecum» latino, do nosso illustre colaborador Paulo Freire.

## Carta de Paris

10 de Fevereiro

Os vossos amigos jornalistas devem ter ficado contentes ao ler a homenagem que o sr. Chauteemps prestou á sua profissão esta semana. O Presidente do Conselho foi recebido, pela Assembleia Geral da Associação dos Jornalistas republicanos; ia ali como confrade e como amigo, quasi se desculpando de lá não poder pronunciar um discurso politico num momento em que as suas forças são postas a uma rude prova pelas funções que occupa. Fez, contudo, uma rápida allusão aos cuidados da hora presente, cuidados que todos os espiritos conscientes devem partilhar; e foi precisamente a este respeito que elle mostrou o nobre papel que a imprensa pode desempenhar, não, certamente, escondendo a verdade quando ella pode desagradar, mas sim impedindo que a opinião publica desesperasse e facilitando, com a maior lealdade possivel, a tarefa daqueles que têm a estada responsabilidade de dirigir o Estado. Talvez vésseis notado as palavras de amizade que o sr. Chauteemps dirigiu, logo de principio, ao Presidente da Associação, sr. Paul Strauss, cujo elogio poderia ser aqui feito, gabando simplesmente a «bela tarifa» de jornalista porque este homem politico, com effeito, cujo trabalho constante e probo tem servido as mais justas causas, personifica a honra da sua corporação.

Poderia relacionar este discurso com aquele que o sr. Paul R-ynaud acaba de pronunciar hoje no almoço-conferencia, a que foi chamado a presidir, no Circulo Republicano, e com o que o sr. Paul Marchandau leu no «American Club». Não me é possível analisar aqui estes discursos; são, como de veis calcular, sobre assuntos financeiros, que necessitam de muitas palavras para que fiquem bem explicitos.

Falei-vos outro dia do discurso que, em sessão do Conselho Geral do Marne, o sr. Marchandau consagrou ao seu programa financeiro; o mesmo senhor f-z, já depois disso, uma declaração á imprensa, destinada a desmentir energeticamente tendenciosos rumores. O Ministro das Finanças proclamou a necessidade de desenvolver a produção e o seu firme designio de defender eficazmente o franco e anunciou a proxima realzação dos projectos estabelecidos segundo os seus métodos. Estes deram já as suas provas: o sr. Malcolm Davis, Presidente do «American Club», recordou, ao receber o seu hospede, a admiravel actividade que este tem exercido como «maire» de Reims, prossequindo na reedificação da cidade durante o ano que se seguiu á guerra. E' um facto bastante caracteristico este dos habitantes de Reims não pouparam demonstrações de simpatia e de admiração a um «maire» meridional, que, depois de numerosos annos, se tornou seu concidadão.

Seja qual fór a importancia dos problemas da politica interior, os francezes esquecem os seus cuidados, em face da noticia da visita, á França, dos soberanos ingleses. O contentamento é enorme, visto que os soberanos aceitam o convite do Presidente da Republica e que a sua primeira visita official é á França. Durante a sua permanencia no nosso país, o rei de Inglaterra inaugurará, em Villers-Bretonneux o Memorial das tropas australianas. Isto evocará os dias em que a fraternidade das armas unia os combatentes dos dois países na luta pelo Direito.

Ha ainda outras recordações que esta viagem vem avivar. Faz agora 73 annos que a Rainha Vitória fez a Paris uma visita official, prelúdio da «entente» cordial que devia concluir-se no reinado Eduardo VII, após a visita que este nos fez em 1903. Não vou repetir-vos mais uma vez o papel essencial que representou e que há de representar ainda a «Entente» cordial na historia internacional das nações europeas. Quasi todos comprehendem hoje que desta «entente» depende o equilibrio politico do mundo e que unicamente ella é hoje a base da paz. Recordais-vos desse admiravel poema de Kipling, reproduzido por um grande numero de jornais, pela morte deste grande escritor? Nele o

autor exaltava as virtudes dos dois povos ingles e francez, evocando as inumeráveis batalhas em que tinham combatido como inimigos, e concluiu que, para o futuro, francezes e ingleses devem colaborar sabiamente na edificação da paz do mundo.

Creio ter-vos falado outro dia da viagem que neste momento prossegue o Ministro da Educação Nacional, que, por este motivo, não pôde assistir aos funerais do professor Ferdinand Brunot. Com effeito, o sr. Jean Zay foi ao Cairo para inaugurar uma exposição realisada sob iniciativa da Sociedade dos Amigos das Artes.

Deveis saber que não é de hoje apenas que a França goza, no Egipto, dum grande prestigio e recordai-vos sem dúvida do êxito obtido, o ano passado, na Opera real do Cairo, por uma série de representações da «Comédie Française». O êxito obtido na Exposição de Paris pelo pavilhão egipcio fez que Khalil bey, que é um dos mais activos promotores da arte no Egipto, e que foi Comissário Geral do seu país na Exposição de Paris, resolvesse organizar no Cairo uma imagem desta exposição. Tratava-se de dar uma ideia da arte franceza em todos os seus aspectos: pintura, escultura, mobília, cerâmica, vidraria, ourivesaria, etc.

Não foi esquecido o ensino das Bellas-Artes na Africa do Norte, onde se procura conservar as manifestações da arte, as belas tradições islamicas. O que é realmente extraordinario é que esta exposição fosse preparada em um mês, o de outubro, os 53.000 kilos de material e os seus 10.000 objectos foram embarcados a 15 de Novembro. O rei Farouk, que inaugurou a exposição em presença do sr. Jean Zay, interressou-se muito por todos os «stands» mas admirou principalmente os da joalharia, onde comprou algumas peças. O Ministro da Educação Nacional aproveitou a sua estada neste país para visitar o museu egipcio, bem como a escola franceza de direito, que tem desempenhado, no Egipto, um papel essencial no desenvolvimento do espirito juridico.

A ciência franceza, desde o tempo de Champollion, tem ocupado um lugar muito importante no Egipto. A tradição não se perdeu e os nossos egiptologos contemporaneos são absolutamente dignos dos seus predecessores. Tivemos a tristeza de ver desaparecer, ha alguns dias, um egiptologo francez de grande valor, Alexandre Moret, membro do Instituto e professor no Colégio de França. Como professor, e como conservador do Museu Guimet (de 1906 a 1923), Alexandre Moret realizou uma obra notavel; disse-se que elle foi, de todos os alunos de Maspéro, aquele que melhor compreendeu a obra do Mestre. Das suas obras, nem sei quais deva citar de preferencia.

*Son coup d'oeil sur l'Egypte primitive*, pelo qual elle começou na Universidade de Lyon em 1898, dava já a medida do seu valor. Os seus livros não são, de modo nenhum, áridos, e conheço alguns leitores profanos que, ao lê-los, se sentem possuídos do amor pelos tempos dos Faraós, pelos reis e deuses do Egipto e pelos mistérios egipcios, cujo atractivo, aliás, comprehendemos bem, ao ver-mos a atenção com que os visitantes do Louvre seguem as conferencias que lá se realizam duas vezes por semana, á noite.

E' sempre um motivo de agrado o facto de vermos um publico numeroso juntar-se em volta das mais diversas atrações. Neste momento, o «Salão das Artes Domésticas» atinge pleno êxito; tendes, com certeza, visto os seus principais «clous» nas descrições feitas pela imprensa. A «Arte Doméstica» goza de um justo prestigio. Acabam de ser enviados diplomas, depois de terem defendido as suas theses, aos alunos da «Escola do Alto Ensino Doméstico»; é uma criação da liga de organização doméstica que faz bom trabalho com os seus cursos técnicos e científicos e as suas applicações práticas, que elle não descuidou; seis theses foram coroadas de êxito.

Direis talvez que as artes domésticas são insignificantes ao pé das outras; ao

que eu responderei que essas outras não têm sido menos homenageadas. Já vos referi o êxito do sr. Florent Schmitt, na Opera, com a sua «Tragédia dançada»; «Oriane e o Príncipe do Amor»; algumas semanas após esta criação, o mesmo compositor apresentou, nos «Concertos Colonne», uma «suite sans esprit de suite», perfeitamente executada. Longe vai o tempo em que o publico mostrava surpresa perante as audacias deste músico! E' certo que Maurice Ravel espantava tambem os seus auditores e que hoje estão inconsciaes pela sua morte; depois desta, realizaram-se já pelo menos vinte concertos consagrados a Ravel, nos quais se comprimia inumeravel e entusiastico publico.

Para terminar dir-vos-ei uma palavra sobre os dois espectáculos de Artur H-negger, um dos quais, o «Rei David» foi tão apaixonadamente discutido: na Opera representa-se agora o «Cântico dos Cânticos», onde o autor espalhou, uma vez mais, o seu encanto oriental; e, nos «Bouffes-Parisiens», a obra «Les petites Cardinal», que, provavelmente, será mais no genero do «Rei Pausole» que no do «Rei David».

## Arcada Hotel

Nunca lá tinha ido. No sabbado bateram-me ao ferrolho os srs. dr. Alfredo de Magalhães, Joaquim Salgado e Silva Petiz, do Porto, dizendo-me: «Você hoje vem almoçar conosco.» Pois vamos lá, respondi. Fomos. Dirigimo-nos ao Arcada Hotel. E os três ficaram tão bem impressionados com o hotel—um bom hotel em qualquer parte do paiz, disseram—excelente sala de jantar, bom serviço e barato, que o sr. dr. Alfredo de Magalhães, no fim, teve esta phrase: «Não ha que ver, isto é bom. Vou mudar de residencia para Aveiro.» Dicto por pessoa d'aquella categoria, tão viajado e por tantos titulos tão competente, é o maior elogio que se pode fazer ao Arcada Hotel. Emfim, Aveiro tem um hotel!

## Isto é d'elles!

O largo Conselheiro Queiroz, as ruas marginaes do canal dos Santos Martyres e etc, estão completamente, e sempre, cheios de madeira e outros materiais pertencentes á fabrica de serração de madeira da viuva Jayme Rodrigues.

Nem Camara, nem Capitania do Porto, nem Junta Autonoma fazem caso d'isso para nada. Isto é d'elles.

## O Caes de Aveiro

O caes de Aveiro está n'um completo abandono. A Junta Autonoma, d'uma grande solicitude politica com os caes de fóra de Aveiro, não faz, das coisas de Aveiro que estão sob a sua jurisdicção—e nós o demonstraremos com mais largueza n'um dos proximos numeros—caso nenhum.

Não está bem.

## Procissão da Cinza

A procissão da Cinza, que traz imenso povo, extranho a Aveiro, a esta cidade, promete ser este anno mais esplendorosa do que o costume. Assim nos informam, e muito desejamos, para bom da cidade, que assim seja.

## FIAT--501

Vende-se informa Artur de Sousa Aveiro

NA INGLATERRA

Como documentos de valor historico para o futuro, transcrevemos dos diarios portuguezes os seguintes extractos de telegrammas da Agencia Havas, sobre as sessões da Camara dos Comuns, n'elles publicados.

Fala Eden

Em seguida, Eden, aclamado pela opposição e em parte pela maioria, fez uma exposição sobre os motivos que o levaram a pedir a sua demissão.

Esclareceu que a Italia deve fornecer sobre a questão da retirada de voluntarios estrangeiros da Espanha provas tangiveis da sua boa vontade antes de se iniciarem quaisquer conversações com Roma.

Depois de recordar que durante os ultimos meses, ultimas semanas, ultimos dias, o mundo assistiu a novas violações de acordos internacionais e de tentativas de obter decisões politicas por força, Eden prosseguiu: «Em presença da situação internacional actual este país deve tomar uma attitude firme (aplausos prolongados) e não entabular negociações, desde que sabe perfeitamente que o principal obstaculo para o seu exito não foi suprimido.

Afirmou que a Grã-Bretanha não deve dar ao mundo a impressão de que cede a ameaças.

Diz, em seguida, que as divergências de pontos de vista que o separam de Chamberlain ultrapassam o quadro de relações anglo-italianas, accentuando: «No decurso das ultimas semanas, quando se tratou duma das mais importantes decisões sobre a politica externa—e que não dizia respeito á Italia—essas divergências accentuaram-se profundamente. Recentemente, convenci-me pouco a pouco de que desejavamos muito mais transigrir com outros países do que leva-los a transigrir connosco».

Persuadido de que essa politica era contrária á vontade do país, Eden concluiu, no meio de aclamações, que não fazer accentuar essa vontade não é justo nem para a Inglaterra nem para o mundo».

Depois de falar Eden, pediu a palavra lord Cranborne que afirmou a sua solidariedade com o Ministro dos Negocios Estrangeiros demissionario, declarando, entre outras coisas, que nas circumstancias actuais «as conversações officiais do Governo britânico com a Italia seriam consideradas não como uma contribuição para a paz mas como uma capitulação perante as manobras de chantagem». (Aplausos da opposição).

Fala Chamberlain

Chamberlain, fazendo uma exposição pormenorizada dos recentes contactos anglo-italianos, afirmou que nenhuma comunicação do Governo italiano continha coisa que se assemelhasse a uma ameaça. E, por conseguinte injusto—disse—fazer crer que se pretendeu que aceitássemos exigências dum outro Governo, exigências essas que teriam caudado um aviltamento da nossa dignidade. Chamberlain disse estar convencido de que uma repulsa oposta aos desejos expressos pelos italianos de começarem imediatamente conversações teria tido consequências desastrosas, principalmente uma intensificação de sentimentos anti-britânicos na Italia, até o ponto de se tornar inevitavel uma guerra entre os dois países».

Chamberlain provocou mais uma vez os risos ironicos da opposição quando esclareceu que o Governo italiano declarou que aceitava a formula britânica relativa á retirada de voluntarios estrangeiros da Espanha, a fim de dar prova da sua boa vontade.

«Não digo que os actos do Governo italiano, no passado, me tivessem parecido satisfatorios—reconheceu o Primeiro Ministro—mas occupo-me do futuro e não do passado». (Aplausos da maioria).

Proseguindo as suas considerações, Chamberlain declarou que pretendia apenas a pacificação geral na Europa. «A paz na Europa—disse—deve depender da attitude das quatro principais potencias: Alemanha, Italia, França e Inglaterra».

Depois, com uma attitude solene e visível emoção, afirmou que «a França não deve recear que a demissão de Eden nesta questão signifique qualquer alteração na politica de estreita amizade com a França». Uma solução das divergências de pontos de vista entre as quatro potencias da Europa—concluiu—«salvará a paz da Europa por uma geração». (Aplausos da maioria)—H

Fala Attlee em nome dos trabalhistas

LONDRES, 21—Depois do discurso de Chamberlain, o qual foi vivamente aplaudido pela maioria, levantou-se Attlee para intervir em nome da opposição trabalhista.

Consta nos corredores da Camara que

os debates continuarão amanhã e que os dirigentes trabalhistas prosseguirão, entretanto, a elaboração duma moção de censura energica.

Por outro lado, sabe-se que numerosos membros conservadores das duas Camaras se reuniram pouco depois do discurso do Primeiro Ministro, sob a presidencia de lord Phillimore, e manifestaram a aprovação de toda a politica de Chamberlain.

No entanto, é, com calor invulgar, que Attlee começa por afirmar a sua simpatia por Eden, indignando-se por apenas lord Cranborne ter seguido o seu exemplo.

Nota que Eden parece ser o unico membro do gabinete que se lembrou da politica eleitoral que permite ao Governo nacional conservar a maioria, e pede—apoiado por toda a opposição—que o sucessor de Eden seja, pelo menos, um membro dos Comuns.

Entende que a posição da Italia é actualmente mais incerta que nunca e julga que a posição de Chamberlain constitui «uma abjecta rendição da maior potencia do mundo perante o mais fraco dos ditadores».

Alude aos varios factores que perturbam o poder da Italia: Desordens na Etiopia, dificuldades na Espanha, descontentamento crescente no país, falta de pagamento das dividas—e termina pelo que considera como enfraquecimento do eixo Roma-Berlim pela attitude de Hitler quanto á Austria.

«É é justamente neste momento que o Primeiro Ministro vem com o chapéu na mão implorar um accordo. Está tudo esquecido. Tudo quanto obtemos—prosseguiu Attlee—é a palavra de Mussolini. Não sabemos se o Governo francês foi consultado».

Acrescentou: «O triunfo de Franco encontrará facilidades com a attitude de Chamberlain, attitude esta que terá repercussões desastrosas no mundo inteiro».

Entende pela sua parte «que ela trahi a causa da paz e a segurança do país».

Falam outros deputados da opposição

Fala em seguida, Sir Archibald Sinclair em nome da opposição liberal, defendendo a politica de Eder.

Para Archibald Sinclair tambem a demissão de Eden será considerada como um sinistro presagio.

«A cada crise batemos em retirada perante o «bluff» de ameaças dos ditadores, nenhum dos quais nos deu a paz. Não vejo nenhuma razão para me congratular com os acontecimentos que acabam de dar-se».

Tomou a palavra, em seguida, o deputado Amery que justificou a politica de Chamberlain.

Arthur Henderson atacou-a vivamente. O trabalhista Bellenger accentuou os perigos duma diplomacia que, segundo ele, é de molde a desfazer a «entente» franco-britânica.

O trabalhista Harold Nicholson interveio tambem no debate, e esta intervenção constituiu uma das mais marcantes da sessão.

Nicholson, inspirando-se nos exemplos do passado, pôz os seus ouvidos em guarda contra toda a negociação com a Italia, cujos dados não teriam sido esclarecidos duma maneira mais clara, e a qual não teria sido precedida das mais formais garantias.

Nicholson, que defendeu com fervor a politica externa de Eden—acrescentando que falava em seu nome e em o apoio do seu partido—evocou a experiencia de 1914 e proclamou que só Eden tinha o segredo dos metodos adequados relativamente á Italia.

Falaram, depois, varios parlamentares, entre os quais figurava Fletcher que afirmou: «Mussolini foi enganado por Hitler e verá em breve o exercito alemão em Brenner e Tirol».

O conservador Empys Evans deplorou a viagem de Halifax a Berlim, dizendo: «Isso deu aos alemães a impressão de que camos aos seus pés».

O brigadeiro Spears accentuou que Hitler pronunciou o seu discurso depois que Grandi recebeu instruções, acrescentando que o accordo entre os dois ditadores da Espanha é evidente.

O debate terminou ás 22,45, devendo prosseguir amanhã e depois de amanhã. A moção de censura trabalhista será apresentada na quarta-feira á noite.—(H)

Sobre a 2.ª Edição DO PRO PATRIA

Da Verdade, de 5 do corrente:

Anuncia-se o aparecimento para breves dias da segunda edição do livro Pró-Pátria, do eminente jornalista Homem Cristo, prestigioso director de «O Povo de Aveiro».

A obra referida é notabilíssima quer pela maneira como está escrita, quer pelos assuntos de que se occupa.

Para se fazer ideia do valor desse belo livro, vamos transcrever parte da

crítica que o dr. Manuel Monteiro, quando se publicou a primeira edição, lhe consagrou na revista Arte e Vida, em 1905.

Segue a transcrição, que já aqui sahio no Povo de Aveiro. Do Jornal de Noticias, de 9 de Fevereiro, Varias Notas, de Paulo Freire:

A «Voz de Portugal» do Rio de Janeiro, refere-se á ideia duma homenagem a H. C. com palavras de muito carinho. A referencia parte do redactor-delegado deste jornal do norte, sr. L. B. a quem agradeço as palavras amigas que me dirige. A ideia duma homenagem a H. C. que eu apenas secundeie, em cada dia que passa mais se impõe. Ainda agora, na próxima semana, é posta á venda a 2.ª edição do famoso livro Pró Pátria que ha 31 anos tão grande successo fez quando a 1.ª edição foi posta á venda. Este livro Pró Pátria devia andar nas mãos de toda a gente. Mandantes e mandados: Professores e alunos. Militares e paisanos. De toda a gente. E não apenas para o lerem, mas para o decorarem. E para o seguirem. Que enormes ensinamentos se extraem das páginas deste volume! E com trinta e um anos já feitos está tão novo, e é tão oportuno como ha hora em que seiu pela primeira vez.

Do mesmo Jornal de Noticias, critica da illustre collaboradora d'esse diario, a Senhora D. Aurora Jardim:

PRO PATRIA — por Homem Cristo — Editores, Guimarães — Lisboa.

Livro de grande alcance, a-pesar-de ter sido escrito há trinta anos, está ainda hoje em plena oportunidade.

Homem Cristo, o ardente jornalista, apaixonado por todos os problemas que agradam ao seu coração encetou com persistência inteligente e equilibrada esta campanha: ensinar o recruta a ler. D. vide-se o trabalho em duas partes: A paz e a guerra: O militarismo na Europa e em Portugal e O ensino escolar por companhias tratado nos jornais.

Para se avaliar do entusiasmo com que o devotado iluminador de espiritos se entregou á sua obra, leia-se este breve periodo: «Nunca tive satisfação igual á que senti quando, debruçado sobre a banca de ensino, espreitando, dia a dia, as evoluções que se iam operando no cérebro do rústico, vi nele apontar esse raio de luz que eleva e consagra o homem, que o separa do bruto, definitivamente, que o torna, em verdade, ele e só ele, o rei da criação. Vi ressurgir o Lázaro. E a alegria inefável que tenho sentido nessas horas, a mais consoladora e a mais pura de toda a minha vida, compensou-me de sobejo, de todos os trabalhos e agruras padecidas».

Os jornais da época occuparam-se muito da campanha empreendida pelo, então, capitão Homem Cristo, enaltecendo e acompanhando a sua iniciativa — que brilhantemente recebeu o devido louvor na Ordem do Exército.

E chegou ao satisfatório resultado expresso nesta circular: «Sua Excelencia, o Ministro da Guerra, incumbem-me de comunicar a V. Ex.ª que autorizou que nas escolas de companhia, esquadraõ ou bateria, em que se professe o 1.º curso das escolas regimentais em conformidade com o disposto no art. 5.º do Regulamento geral das escolas para praças de prefe, seja ministrada a instrução de leitura e escrita pelo método João de Deus».

Obra de claridade e construção que honra o grande jornalista que é Homem Cristo, a quem todos nós devemos prestar em breve, por occasião do seu aniversário, a nossa homenagem.

A. J.

Da Democracia do Sul, d'ário d'Evora, de 11 de Fevereiro:

PRO PATRIA — 2.ª edição por Homem Cristo.

Ha 31 anos que Homem Cristo, o vigoroso panfletário, publicou a 1.ª edição deste livro, e da retumbância que esse facto teve, falam os jornais desse tempo. Essa edição encontra-se de ha muito esgotada, o que levou o seu autor a revê-la e a modificá-la, não no pensamento nem na ideologia, mas na estrutura, tornando-a mais leve, menos volumosa.

O que levou Homem Cristo a reeditar, por intermédio da Livraria Guimarães & C.ª, o seu livro Pró Pátria, foi o facto de desconhecem as gerações novas o grande esforço por elle desenvolvido em prol da extinção do analfabetismo, campanha altamente patriótica, pois esse cancro é uma das principais causas — se não a principal — do atraso do país em relação ás nações da vanguarda.

Mas Homem Cristo não põe no seu livro Pró Pátria apenas o problema do combate ao analfabetismo. Trata tambem da paz e da guerra, dos exercitos do absolutismo e dos exercitos da liberdade.

Os problemas tratados neste livro, pelo facto de terem vindo a publico ha

31 anos, não quer dizer que houvessem perdido a oportunidade. São sempre actuais, são sempre oportunos, e de aplausos se tornam credores os srs. Guimarães & C.ª e Homem Cristo por os trazerem de novo a publico.

Divide-se a obra em duas partes, a saber: I A paz e a guerra—O militarismo na Europa e em Portugal. II O ensino escolar por companhias tratado nos jornais. A obra occupa um grosso volume de 328 páginas, encontra-se já á venda na Livraria Nazareth, desta cidade, por intermédio de quem recebemos o volume que a Guimarães & C.ª nos ofereceu.

Da Verdade, de 12 de Fevereiro:

Editado pela Livraria Guimarães & C.ª, de Lisboa, acaba de ser posto á venda a segunda edição do livro P.ó-Pátria, da autoria do eminente escritor e jornalista Homem Cristo.

Quando da publicação da primeira edição, há 35 anos, a imprensa de todo o país e de todas as côres consagrou á obra do sr. Homem Cristo criticas profundas, louvando as ideias nele expendidas e o esforço que elle representava, sob o ponto de vista civico e patriótico. Não temos portanto a pretensão de dizer coisas novas sobre o livro —visto que tudo foi dito, com saber, com proficiência e com autoridade. Mas, sem nos propormos examinar a obra, tambem não podemos deixar de afirmar, depois da leitura que dela fizemos, que a sua actualidade se mantem viva como então, e que os seus capitulos, revelando-nos o temperamento e a intelligência dum educador, nos illustram decisivamente acerca de certos problemas que, hoje como ontem, preocupam os espiritos, como sejam, por exemplo, os que se referem á paz e á guerra.

A primeira parte do Pró-Pátria põe magistralmente as duas teses—e o autor, que era militar proficional ao tempo que publicou a sua obra, defende com lucida penetração a tese pacifista, demonstrando, irrefutavelmente, a falsidade dos argumentos daqueles que pretendem explicar a guerra como um mal necessário. O sr. Homem Cristo sustenta o seu critério com um talento surpreendente, pela lógica dos raciocínios e pela verdade flagrante das deducções, sustentando ao mesmo tempo a ideia do sentimento patriótico, e a necessidade de dos povos estarem preparados, intellectual e materialmente, para defenderem a sua integridade, a sua independência, a sua liberdade. Se a tese pacifista lhe merece uma adesão entusiástica e intelligente, o anti-militarismo negativo e dissolvente provocou-lhe um repudio reflexivo e sensato.

A segunda parte do livro é dedicada á instrução, mostrando-nos o sr. Homem Cristo como sem ela, sem a cultura do povo, os países definham e decaem na mais sombria miséria. O autor não se limitou a proclamar a instrução como uma necessidade. Official do Exército, com o posto de capitão, iniciou na sua companhia, primeiro, no regimento, depois o exemplo da sua pregação salutar. Transformou-se em mestre escola, ensinando a ler todos os soldados que tinham entrado para ali no mais completo estado de analfabetismo. Essa cruzada em prol dos pobres rústicos, foi formidável. A maneira como o sr. Homem Cristo a descreve, a piedade e o carinho que demonstra pelos pobres mçõs, dir-se-ia um verdadeiro livro em defesa da Pátria e do povo portuguez. Louvado, elogiado, aplaudido, o seu exemplo—heróico exemplo—não futificou. A rotina e a preguiça mais uma vez impuzeram a sua tirania de essência e de renúncia. Pró-Pátria, livro de ideias, de claridade, de altas lições civicas, ficará na obra do eminente jornalista como o mais alto, o mais luminoso, o mais decisivo depoimento de compreensivo e de intelligente patriotismo.

O ETERNO HOMEM

(Continuação)

SCENA II

THEODORO e VICTORIA (que vem da primeira porta da esquerda)

VICTORIA (creada grave)

Senhor! senhor, tenha piedade da infeliz, por quem é se tal barbaridade se chega a consumir, sua sobrinha morre. Não quer ver a ninguém. Chora, desmaia, corre no quarto a soluçar, a mal dizer a vida, desgrenha-se, delirar Eu nunca vi suicida, mas devem ser assim! Pensando em que esta noite vão lancar-lhe o grilhão, não sabe onde se acocoi, ajoelhal ergue as mãos! e já que a mãe não pode, invoca o tio, a morte, e Deus que não lhe oco del Valha-lhe!

SCENA III

Os mesmos e ANSELMO (que vem da rua pela segunda porta da direita; traz na mão um rolo de papeis. D. ISAUURA, D. MARIANA que vem desgrenhada, palida e encostada ao braço da madrastra, saindo ambas da primeira porta da esquerda)

ANSELMO

Salve-os Deus, filha, mulher, cunhado, e tambem tu, Victoria! Estimo ter achado todo-o ranchinho junto. (Para D. Mariana) Aqui traço um contrato com que a minha menina (inda por ora a trato por menina) ha-de rir-se, ainda que não queira. Já me entendeu...

D. MARIANA (ajoelhando diante de Anselmo)

Meu pai, meu pai, não me requeira, supplico-lho por Deus, que vé minha amargura, pelo seu coração que é cheio de ternura, lh'o rogo: não me obrigue; é pai, tem jus, bem sei, mas não queira uzar d'elle! Eu nunca me neguei, bem o sabe, meu pai, á sua obediência, nem isto é recusar-lh'a: imploro-lhe clemencia: que torne a meditar; que mude; que não faça remorsos para si, forçando-me á desgraça!... Devi-lhe muito amor; devo-lhe a propria vida; e a vida que me deu quer tornar-m'a insofrida?... Tinha-me dado a esperança... e já lh'a não reclamo... embora! não serei d'aquelle a quem só amo; mas prostrada a seus pés, supplico, imploro, obtesto, me não queira entregá-lhe a quem detesto; que, antes de dar-lhe a mão, no desespero extremo, talvez contra mim propria eu a voltasse...

D. ISAUURA (á parte)

Ai! tremo!

ANSELMO (a si mesmo e á parte sentindo-se fraquejar de animo)

Valor, meu coração! fóra, humanas fraquezas!

D. MARIANA

Ama ao senhor Tartufo? encha-m'o de riquezas. Sou contente. Não basta a fortuna que é sua? junte aos seus os meus bens, que os leve, que os possua, que seja mui feliz, e deixe-me. Um convento será o meu refugio. Ali, a fogo lento, irei queimando a vida, até que o ceo me queira!

ANSELMO

Todas cantam aquillo: ou o meu fulano ou freira!

Levante-se! Não cedo. O esposo a quem n-a entrego descontenta-n? melhor! muito melhor a emprego para bem da sua alma: entra no firmamento co'a palma do martyrio e a flor do casamento!

VICTORIA

ANSELMO (á parte)

Lá vem ella! oh ceos! eu até pecco ouvindo esta mulher! (alto) Vá conversar com o ecco!

Deixe-me! Nem palavra!!

THEODORO

Escute-me um conselho.

ANSELMO

Quando alguem lh'o pedir, como esse é tolo, dê-lh'o.

Eu cá por mim, dispense; e fico-lhe obrigado pela boa intenção, doutissimo cunhado!

D. ISAUURA (para Anselmo)

Eu vendo o que aqui vai, sinto-me de maneira, que nem chego a entender tal furia e tal cequeira! Depois do que hoje mesmo, e n'esta mesma sala, eu sofri a Tartufo, inda lhe lembra dal-a a elle, esta innocente! Incredível!

ANSELMO

Seu criado. Eu creio no que vejo, e sou desconfiado quando pressinto enredo. O tal Luizinho mente... porque mente; e a senhora então não n-o desmente porque é cega por elle, e se o contradicesse... Armaram-na sem geito! E cuida que me esqueço como a senhora estava em toda aquella scena: tão senhora de si, tão placida e serena! Pois se o homem tivesse ouzado o tal descóco que o Luiz lhe assacou, por força, ou muito ou pouco, o rosto da senhora havia de o dizer... Quem tem de me enganar 'está inda por nascer!

D. ISAUURA (á parte)

Bem se vê! (alto) Mas, pergunto: havendo um temerario que nos falle de amor, é logo necessario gritar—aquí d'el-rei—deitar a casa abaixo? ha n'isso algum proveito? eu cá por mim não acho. Já dice: n'esse caso, o meu systema é rir-me! A que estremece, grite; eu sei que estou bem firme.

ANSELMO

E eu tambem sei que sei o que é, e o que não é.

D. ISAUURA

Cada vez mais admiro a sua boa fé, meu Anselmo!

ANSELMO

Faz bem.

D. ISAUURA

Porém que me dizia se eu lhe mostrasse aqui, hoje, no proprio dia, que o Luiz não mentiu?

ANSELMO

Mostrar-m'o!...

D. ISAUURA

Sim.

ANSELMO

Historia!

D. ISAUURA

Mas enfim, se eu possesse expô-lhe tão notoria, tão clara, tão brilhante, a prova da verdade, que impossivel lhe fosse o desconvir?

ANSELMO

Não ha-de;

D. ISAUURA

Que teima!

ANSELMO

E' muito gorda a arara!

não passa!

D. ISAUURA

Que homem este! e que cequeira rara!

ANSELMO

Dá-lhe!

D. ISAUURA

Não creia embora o que eu lhe digo e juro; mas supponha que o via...

ANSELMO

Eu! como? e o quê?

D. ISAUURA

Seguro n'um canto sem ser visto, á espreita da tramaio! inda porfaria em crer no seu góbio?

ANSELMO

Então dizia... que eu... que elle... dizia... nada; porque não pode ser!

(Conclue no próximo numero)

# Aos Srs. Agricultores

## A T E N Ç Ã O

**Não vos deixeis iludir com falsas afirmações!**

Tendo retirado a Agência da inigualável batata de semente "Original-Erdgold,, (ouro da terra) ao sr. João Quintas Delgado — Estrada de S. Bernardo — Aveiro, por ter chegado ao meu conhecimento que o referido sr. valendo-se do ambiente e bom acolhimento que os srs. agricultores tem dispensado á autêntica "original-Erdgold,, estava vendendo **Batata de Consumo Nacional** como se tratasse de verdadeiras batatas de semente, iludindo a boa fé dos srs. agricultores.

Previno a **Lavoura em geral** que devem recusar toda e qualquer semente que o sr. Delgado venda com nomes supostos dizendo tratar-se das mesmas batatas de semente importadas pela minha firma, visto que a "Erdgold,, (ouro da terra) é uma variedade unicamente cultivada pela maior companhia cultivadora de batatas de semente originais na Alemanha "Pommersche Saatzzucht G.m.b.H.—STETTIN.

Para evitar confusões e para que os srs. agricultores possam ter a certeza de adquirir a verdadeira batata de semente "Original-Erdgold,, (ouro da terra) deverão no seu próprio interesse fazer os seus pedidos directamente ao unico importador para Portugal:

## José Ferreira Botelho

PORTO-LISBOA

ou aos seus representantes e depositários em Aveiro com depósito nas Quintas

### BRUNO DA ROCHA & C.<sup>A</sup>

a quem deverão também fazer os pedidos de todas as batatas de semente legítimas estrangeiras da marca **BOTELHO.**

**EXCLUSIVOS**—GOLD-SAAT (semente de ouro) REGINA 101 EARTHSILVER (Prata da Terra) IRLANDEZAS MARCA FERRADURA

Up-to-date—Great Scott—Kerr's Pink—King Edward—Majestic—Arran Consul—Arran Banner—Red King e Royal Kidney

Outras variedades: ODENWALDER—EIGENHEIMER—BINTJE DA FRISIA

## A Z O N I T R O K A L

O melhor adubo para todas as culturas e em especial para  
BATATAS

Peçam catálogos e mais informações a **BRUNO DA ROCHA & C.<sup>a</sup>—AVEIRO—**Telefone 105

## Batata para semente



## Senhores Lavradores

Tendo retirado de fazer negócio (e não agência) com a casa do Senhor José Ferreira Botelho, do Porto, e por esse motivo tem aquele Senhor afirmado que eu vendi batata de consumo nacional, como se tratasse da batata importada por aquela firma, **Erdgold**, iludindo assim a boa fé dos Srs. Agricultores; ora como esta afirmação é falsa porque nunca vendi batata nacional como se fôsse estrangeira, por isso, convido todos aqueles que se acharem prejudicados com esta minha afirmação, a virem prová-lo pois, prontifico-me a pagar **MIL ESCUDOS**, por cada saca que porventura tenha sido transacionada nas condições que o sr. Botelho afirma.

Recomendo no vosso digno interesse à **Lavoura em geral**, que devem recusar todo e qualquer artigo, que vos queira ser impingido à custa da **honra alheia**; e a todos, aqueles que por carta, telegrama, e pessoalmente me vieram demonstrar a sua confiança e amizade, repudiando o gesto egoísta e ganancioso do Senhor Botelho, a **todos muito obrigados.**

## Muita Atenção

Tomei por contrato a venda das magnificas batatas para semente **Rágis**; **Rágis** é uma das maiores de todas as empresas agrícolas de todo o mundo, apresenta este ano as seguintes variedades; **Wekarágis, Rágis 6002, Violarágis, Rágis-Frobote**, todas estas variedades veem em sacos selados com certificados da Fitó-Patológica da origem,

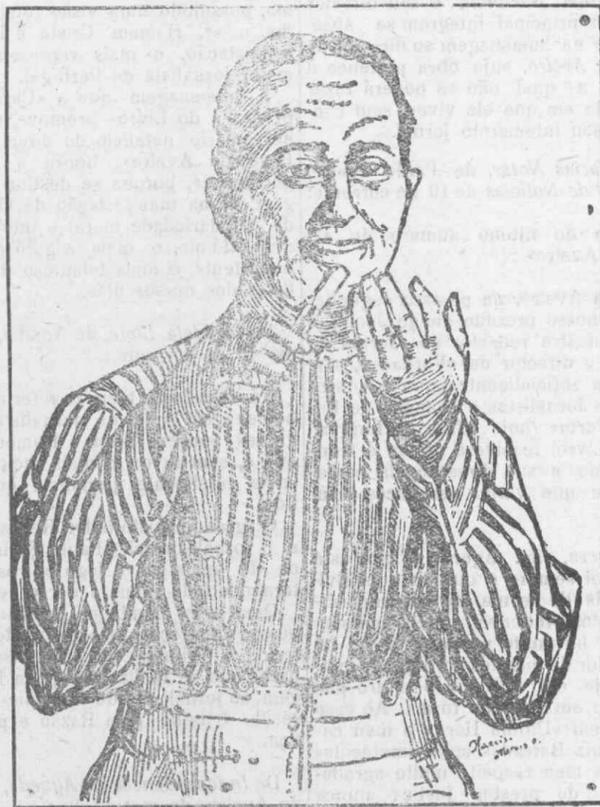
Esta batata embora mais cara vende-se na presente safra muito mais barata e a praso para pagamento em QUATRO MESES.

**AZOTO PHOSPHOSKAL**—Adubo especial para batata.

Façam os vossos pedidos ao agente **João Delgado**

Estrada de S. Bernardo — AVEIRO — Telefone 209 e na Oliveirinha **JOSÉ MASCARANHAS**

E' feio andar com a barba por fazer



Nunca tive uma navalha de fão boa qualidade  
Tesouras de costura, manicure, barbeiro, Rugra

### NAVALHAS DE BARBA RUGRA

Laminas Rugra Gold

São as Melhores

A' venda nos bons estabelecimentos

### TEATRO AVEIRENSE

Domingo, 27 de Fevereiro e Terça-feira, 1 de Março

## Grandiosos Bailes de Máscaras

# Homenagem a Homem Christo

O ultimo numero (23 de Fevereiro) do *Arquivo Nacional* abre com este artigo, escripto por Rocha Martins, seu eminente director:

## Justa Homenagem

### O 78.º Aniversário de Homem Christo

Homem Christo é o grande panfletário que jamais descansou na sua faina de justiça. Se fôsse um ambicioso de honrarias vãs ou um utilitário capaz de vender a sua intemerata pena, a esta hora nadaria em riquezas e não teria sofrido tanto na sua longa vida. Republicano, membro do Directório quando era simples tenente, na idade em que a maioria dos plumitivos portugueses fazia versos ás tranças de Elisa, de Laura ou da Judia, ele mostrava já altos conhecimentos de politico e preparava-se para realizar a obra que varias vezes foi interrompida mercê dos ódios e das malquerenças.

Por mais que se julgue não existir a justiça, ela acaba por manifestar-se e o notável polígrafo vai ter a maior prova de que nem todos os espiritos são indiferentes ás manifestações do talento.

Na nossa terra há muitas invejas, mas os homens fortes passam evitando que os roce a baba dos caluniadores, os quais de tudo se servem para magoar. Expelem as suas infâmias mas responde-se-lhes esmagando-os. Homem Christo combateu dentro do seu temperamento; fez d'ele um arnez. Podem dizê-lo violento num tempo em que o medo e a falta de energia molham as penas em água com açúcar.

A fim de prestarem a sua homenagem ao grande panfletário, alguns homens de letras ouviram a ideia de Carlos Silva, admirador incondicional do director do *Povo de Aveiro*. O *Arquivo Nacional* e o seu director fizeram-se eco dessa simpática manifestação. Associa-se-lhe Paulo Freire, incansável trabalhador; appareceu Artur Inez com a sua mocidade brilhante e desenvolveu-se carinhosamente o primitivo pensamento da homenagem, á qual deu enorme importancia a decisão da Casa da Imprensa e do Livro do Porto, que, sem o menor carácter politico, deliberou convidar, não só os seus sócios, mas todos os homens de letras e jornalistas a irem a Aveiro, no próximo dia 8 de Março, saudar Homem Christo, paladino da justiça e campeão da classe que honra com o seu talento.

O *Arquivo Nacional*, o seu director e redactor principal integram-se abolutamente na homenagem ao director do *Povo de Aveiro*, cuja obra pertence á História, a qual não se poderá fazer no período em que ele viveu sem consultar o seu intemerato jornal.

Das *Varias Notas*, de Paulo Freire, no *Jornal de Noticias* de 19 do corrente:

Recorto do ultimo numero de *O Povo de Aveiro*:

«Veio a Aveiro, na passada segunda-feira, o nosso prezado amigo Joaquim Salgado, illustre redactor do *Jornal de Noticias* e director da *Verdade*, participando-nos oficialmente que a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto (hoje *Casa da Imprensa e do Livro*) resolvera pôr-se á frente, tomando a sua direcção, da homenagem de que varios periódicos teem falado».

Ora agora, sim. Agora é que está certo, e foi sempre o que eu aqui alvitrei, depois de se me afirmar impossível, senão impraticável, aquela homenagem que há muito penso se devia fazer ao maior de quantos jornalistas moirajem hoje em Portugal o safaro pão do espirito em letra de forma. Ao caso se refere em *Ultima Hora* o meu camarada Luiz Barradas cujas imerecidas palavras a meu respeito muito agradeço. Nisto de prestar justiça nunca olho a primazias. Fosse lá quem fosse o que teve primeiro a ideia desta justissima homenagem, o que é preciso é fazê-la condigna da pessoa que vamos homenagear.

E no dia 8 de Março quem quizer ou puder que vá a Aveiro acompanhar aqueles que ao sr. H. C. vão levar o conforto moral de todos nós. Eu lá estarei se puder, e se não puder, paciência. O meu espirito pelo menos não faltará, tão grande é—foi sempre!—a minha admiração por esse homem que só hade ser verdadeiramente grande em Portugal quando a sua agigantada figura de português já não fizer sombra aos pigmeus que lhe ladram ás canelãs.

Da *Verdade*, do Porto, do mesmo dia; dirigida pelo distinctissimo jornalista Joaquim Salgado:

O intemerato e insigne jornalista sr.

Homem Christo faz anos no dia 8 do proximo mês de Março. Tomando como motivo este acontecimento, a velha Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, resolveu, dando seqüência a uma deliberação anterior, promover uma homenagem ao illustre director de *O Povo de Aveiro*.

Essa homenagem consistirá na leitura e entrega duma mensagem, que será subscrita por todos os jornalistas que a ela se queiram associar. Trata-se, como é obvio, duma manifestação justissima sob todos os pontos de vista, e que se destina a exaltar as virtudes e os talentos jornalísticos de alguém que na imprensa do nosso país conquistou um lugar inconfundível.

O sr. Homem Christo é, com efeito, entre nós, um exemplo singularissimo de pertinácia, de fé, de combatividade. Dotado de excepcionais qualidades de intelligência e de acção, o eminente jornalista, que é simultaneamente um escritor de vastos recursos, afirmou, desde há muitos anos, a sua personalidade intelectual e cívica, numa obra de doutrina e de apostolado que assumiu, por vezes, dadas as condições em que teve de ser realisação, uma rara e apaixonada violência.

O pensamento que orientou essa obra inspirava-se porém no mais acendrado patriotismo. O director de *O Povo de Aveiro* defendeu sempre a tese de que a transformação e o progresso do país é inseparável da transformação e o progresso dos seus habitantes. E' pela cultura, pela illustração do povo que se pode chegar a esse objectivo. Neste sentido, o sr. Homem Christo não se limitou a doutrinar: mostrou, pelo exemplo do seu trabalho, o amor ás coisas da instrução, transformando-se em mestre escola e ensinando a ler os recrutados da companhia do regimento em que serviu, como capitão.

O que foi essa cruzada di-lo, com eloquência, o magnifico livro *Pró Patria*, cuja segunda edição acaba de ser posta á venda.

Mas o sr. Homem Christo não ficou por aí. A sua obra de jornalista e de escritor é notável. O problema do ensino primário e secundário foi tratado, magistralmente, nos seus dois volumes de *Cartas de Longe*, cuja leitura é altamente instrutiva. No seu vigoroso e manário o sr. Homem Christo tem commentado as mais importantes questões nacionaes, revelando-se além dum jornalista brilhantissimo, um estudioso de conhecimentos profundos.

Servido por uma cultura invulgarissima, possuindo uma visão intelligentissima, o sr. Homem Christo é hoje, sem contestação, o mais representativo—o maior jornalista de Portugal.

A homenagem que a *Casa da Imprensa e do Livro* promove, no dia do aniversário natalício do director de *O Povo de Aveiro*, honra a imprensa portugueza, porque se destina a consagrar, numa manifestação de simpatia e de solidariedade moral e intelectual, o mais lido, o mais vigoroso, o mais persistente, o mais talentoso dos jornalistas dos nossos dias.

De *A Ideia Livre*, de Anadia, do mesmo 19 do corrente:

Vários colegas teem-se referido a uma homenagem que os jornalistas portuguezes pensam fazer a Homem Christo, que é, sem favor, o mais recto, vigoroso e intelligente jornalista que temos tido.

O grande historiador Rocha Martins e o jornalista João Paulo Freire foram os da iniciativa, e logo outros se juntaram de todo o país a dar o seu apoio. Queremos tambem testemunhar a nossa admiração pelo eminente panfletario, e vimos dar o nosso voto para que se realize tão justa homenagem, ao jornalista que ha mais de meio século batalha pela Razão e pela Justiça.

Da *Independencia de Agueda*, noticias de Aveiro, do mesmo dia:

Vai tomando vulto a projectada homenagem ao velho e muito illustre jornalista, sr. Homem Christo, marcada para o dia 8 de Março. Ser-lhe-á entregue uma mensagem, assinada por quem o quiser fazer, da iniciativa da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, cuja direcção, propositadamente, virá á esta cidade. Homenagem merecidissima e que deve ser impressionante.

De *A Voz do Povo*, da Oliveirinha, do mesmo dia:

Já ouvimos falar com certa insistência na prestação de uma homenagem a este vigoroso jornalista que todo o País conhece, através dos seus artigos de doutrina e combate que semanalmente vem insertos no *Povo de Aveiro*

Ouvimos falar, mas não sabemos o que de positivo se resolveu a tal respeito. E como não desejamos ficar calados ante o movimento, porque entendemos que Homem Christo é merecedor dessa homenagem, tambem modestamente aqui deixamos o nosso apoio, com a promessa de nos associarmos no momento próprio.

Do diário portuense *Ultima Hora*, de 14 do corrente, transcrevemos:

Do nosso prezado colega do *Jornal de Noticias* Joaquim Salgado, recebemos a seguinte carta, com pedido de publicação, o que gostosamente fazemos.

Sr. Director:

Permita-me que rectifique uma errada afirmação que o sr. Luiz Barradas faz num artigo escrito na *Ultima Hora* de ontem, domingo, relativamente á projectada homenagem ao eminente jornalista sr. Homem Christo.

Depois de manifestar o seu apoio e aplauso á justissima manifestação que vai ser feita ao illustre director de *O Povo de Aveiro*, o sr. Luiz Barradas escreve:

«A homenagem que agora vai realizar-se é mais simples que a primeira, que constava de um banquete e teria uma feição politica».

O sr. Luiz Barradas enganou-se completamente. A homenagem que a *Casa da Imprensa e do Livro* resolveu levar a efeito ha dois anos, não tinha nem podia ter a menor feição politica. Tinha, sim, tal como a que agora vai realizar-se, um caracter puramente jornalístico, e só divergia desta quanto á forma da sua celebração. Poz-se de parte o banquete e optou-se pela mensagem, o que dará á homenagem mais expressão e maior simplicidade. Se o sr. Luiz Barradas não o sabia é bom que o fique sabendo: A velha Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, porque é um organismo de índole cultural e beneficente, agrupando nos seus quadros associativos profissionais da imprensa e escritores dos mais variados matizes, não podia nem pode pensar, muito menos promover, qualquer homenagem com caracter politico.

Agradecendo, sr. Director, a publicação desta carta, subscreevo-me

Cd.º Ob.º

JOAQUIM SALGADO

Sob o titulo *Nada de blocos* voltava a dizer a *Ultima Hora* no seu numero de 17 do corrente:

O sr. Joaquim Salgado, cuja faculdade inspiraria respeitoso acatamento, se exprime irrefutável verdade e se não tivesse a desmerecê-la assomado ar de pessoa superior, pediu permissão ao Director da *Ultima Hora* para rectificar o que reputa uma errada afirmação minha.

Achou bastante o sr. Salgado que lhe fosse permitido o direito de publicar a rectificação e travou da pena com certo nervosismo, esquecendo-se de que, para dar de si a ideia do jornalista que se preza, lhe cumpria ser mais cortês.

Maus exemplos são esses, certamente, porque fructificam pelo modo que se verá e que não me parece de feição a contar com impunidade.

Sendo certo e sabido que quem mal não usa, mal não cuida, se eu tivesse de glossar qualquer artigo do sr. Salgado—impossível suposição!—fá-lo-ia em termos mais amistosos, admitindo a natural possibilidade de um equívoco.

Mas o sr. Salgado não esteve a dar voltas á cabeça: encheu-se de azedume—que eu não sei de onde provém—e escreveu que *eu errára, me enganara completamente e que, se eu não o sabia, o ficasse sabendo...* etc. e tal...

Agradeceu, assinou e é possível que dormisse um consoloado sono sobre a bilis derramada...

Em tal hipótese, peço ao sr. Salgado que desperte para ouvir a afirmação que agora faço—de que não pretendi provar que a manifestação planeada há dois anos tinha caracter politico, por isso que *escrevi teria uma feição politica*».

Por conseguinte, verifica-se que o sr. Salgado leu como quiz, entendeu como quiz, e insinuou como quiz, talvez com o intuito de menosprezar quem teve por único objectivo associar-se á homenagem a prestar a Homem Christo, insigne escritor e jornalista.

E' realmente lamentavel que a esta homenagem não seja dispensado um tal carinho, em que não houvesse a menor discrepância entre os que com ela se honram, mas quando menos se espera, apparece a borrasca...

Veja, porém, sr. Salgado, se consegue extrair alguma coisa da seguinte

afirmação do meu muito admirado director do *Povo de Aveiro*, sr. Homem Christo:

«Mas a coisa agora é mais simples e tanto melhor. *Sem caracter politico*, nem coisa que se pareça...» (o sublinhado é meu).

—Leu?

Espero, contudo, que o meu illustre camarada sr. Homem Christo se pronuncie a este respeito, com aquele desassombro que o distingue, para vermos se me enganei completamente.

Não me custa nada reconhecer os meus erros e penitenciar-me d'elles, quando estiver bem certo de que os cometi. Antes disso, não. Nada me autorisa a acreditar que Collin d'Haleville tivesse escrito a seguinte frase para se divertir: *il faut se défier toujours de son rival*».

LUIS BARRADAS

*Ultima Hora* encerra o incidente, pela forma que se vae ler, no seu numero de 20:

Como noticiámos, ontem, recebemos do nosso colega do *Jornal de Noticias* e director da *Verdade*, sr. Joaquim Salgado, a seguinte carta:

«...Sr. Director da *Ultima Hora*—Não é meu propósito discutir ou sequer comentar o aspecto pessoal do último artigo do sr. Luiz Barradas. Tenho para mim, além de tudo, que a discussão que se faça á volta da homenagem que vai ser prestada ao eminente jornalista sr. Homem Christo, sendo inoportuna e descabida, é simultaneamente desrespeitosa e atentatória do significado que ela deve revestir.

Não sei se o sr. Luiz Barradas pensa da mesma forma—mas é de supôr que sim. Por esse lado pode, pois, ficar tranquilo, porque não haverá discrepância nem surgirão borrascas. Todos os admiradores do insigne director do *Povo de Aveiro* podem, sem receio de nenhuma espécie, associar-se á justa manifestação que em sua honra a Casa da Imprensa e do Livro resolveu levar a effecto.

As queixas que o sr. Luiz Barradas formula contra mim levam-me a concluir que não entendeu o que escrevi. Que culpa tenho disso?

Na minha primeira carta limitei-me a corrigir uma afirmativa errada que o sr. Luiz Barradas fizera, com o unico propósito de resalvar o nome de uma Colectividade á qual se não devem, nem mesmo de boa fé, atribuir intenções contrárias á sua estrutura associativa. Mas o sr. Luiz Barradas volta a insistir. Pêso duma obsessão doentia—o capricho nos incipientes da letra de forma chega a tomar formas delirantes—tenta, posto que já frouxamente, defender o lapso em que incorreu e que me obrigou a vir á estacada, apoiando-se numa passagem da local que *O Povo de Aveiro* publicou respeitante á iniciativa da homenagem. Lamentável e desastrosa justificação! A local indicada não induz ao juizo expresso pelo sr. Luiz Barradas: leva a uma conclusão muito diferente. Dispondo da nobre faculdade de admirar, o que é já alguma coisa, não possui o sr. Luiz Barradas a util faculdade de compreender—o que no seu caso é verdadeiramente lastimoso.

O articulista da *Ultima Hora* apellou para o sr. Homem Christo.

Ainda bem. O insigne jornalista não deixará, por certo, de ouvir o seu apêlo, extraindo-lhe dos olhos e do espirito as cataratas que lhe obscurecem o entendimento.

Agradecendo a publicação destas linhas, subscreevo-me, sr. director, de v, etc..

JOAQUIM SALGADO.

N. da R.—Com a publicação desta carta consideramos terminado este incidente, porquanto *O Povo de Aveiro*, em seu n.º 523 (4.ª série), de 20 do corrente, transcreve o artigo de Luiz Barradas publicado no nosso numero de 13, transcrição essa que agradece e justifica o ponto final que ao assunto pomos.

Com igual consideração e amizade pelos dois illustres jornalistas, devo dizer que a interpretação dada ás minhas palavras pelo sr. Joaquim Salgado é que é a interpretação exacta.

Nunca foi idéa minha, nem podia ser, attribuir caracter politico á anterior manifestação que a *Casa da Imprensa e do Livro* projectava. *Se a coisa agora é mais simples* é porque se poz de parte a cerimonia do jantar e porque nenhum jornalista fica obrigado a vir a Aveiro, bastando que assigne a mensagem. E por isso, só por isso... *tanto melhor*. «Sem caracter politico» foi, talvez, uma redundancia, mas pareceu-me que não era mau acentuar.

Concluindo, a culpa foi minha, que não escrevi de forma a evitar o equívoco. E a mim, só a mim, compete pedir desculpa aos dois illustres jornalistas e prezados amigos Joaquim Salgado e Luiz Barradas.

## Teatro Aveirense

S. A. R. L.

Aveiro

## Assembleia Geral

Conforme o art.º 37.º dos Estatutos desta Sociedade, convoco a reunião da Assembleia Geral para o dia 6 de Março proximo, pelas 14 horas, e na Séde, para discussão e aprovação de contas, da Gerencia do ano de 1937.

Não comparecendo número legal de accionistas fica desde já convocada nova reunião para o dia 20 de Março, no mesmo local e á mesma hora.

Conforme o art.º 38.º convoco a reunião da Assembleia Geral para o dia 13 de Março proximo, pelas 14 horas e na Séde, para eleição da Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal para o triénio de 1938/1940.

Não comparecendo número legal de accionistas fica desde já convocada nova reunião para o dia 27 do mesmo mês, no mesmo local e á mesma hora.

Aveiro, 15 de Fevereiro de 1938.

O Presidente da Assembleia Geral

a) ALBERTO SOUTO

## Companhia Aveirense de Moagens

S. A. R. L.

Aveiro

## ASSEMBLEIA GERAL

Em conformidade com os arts. 32.º e 33.º dos nossos Estatutos, convoco os Senhores Accionistas a reunirem em sessão ordinária, no dia 16 do proximo mês de Março, pelas 15 horas, no escritório da Companhia, sendo a ordem dos trabalhos:

1.º—Deliberar sobre o Relatório e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal;

2.º—Eleição da mesa da Assembleia Geral e Conselhos de Administração e Fiscal para o triénio de 1938/1940;

3.º—Tratar de qualquer assunto de interesse social.

Aveiro, 18 de Fevereiro de 1938

O Presidente da Assembleia Geral

a) JOSÉ PEREIRA TAVARES

## Dr. Alberto Costa

Assistente da Faculdade de Medicina de Coimbra

Medico da Maternidade

Doenças das senhoras e dos recém-nascidos. Partos. Operações

Consultas aos Sabados, das 13 ás 16 horas, no consul'ório do Dr. Joaquim Henriques

PRAÇA DO COMÉRCIO

(Aos Arcos)

AVEIRO

## Banco Regional de Aveiro

## Assembleia Geral

E' convocada a Assembleia Geral dos Accionistas do Banco Regional de Aveiro para o proximo dia 15 de Março, pelas 15 horas, na séde do Banco, á rua Coimbra, da cidade do Aveiro, a fim de discutir, modificar ou aprovar não só o relatório e contas da Direcção mas, tambem, o parecer do Conselho Fiscal, referente á gerencia de 1937, e tratar de quaisquer outros assuntos de interesse colectivo.

Não comparecendo numero legal de Accionistas fica desde já convocada nova Assembleia para o dia 30 de Março proximo, á mesma hora e no citado local.

Aveiro, 23 de Fevereiro de 1938

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

a) DR. JOSÉ VIEIRA GAMELAS

## Corte LUC

ADELAIDE CARAPINA GAMA, ex-professora de corte do extinto collegio d'Apresentação e diplomada pelo método *LUC* lecciona corte e confeccção. Curso a abrir em 14 de Fevereiro.

Rocio, n.º 7

AVEIRO

## O POVO DE AVEIRO

vendo-se em todo o país